



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ODAIR JOSÉ DA SILVA LIMA

**A SÁTIRA DA LOUCURA EM POE E MACHADO:
“THE SYSTEM OF DR. TARR AND PROFESSOR
FETHER” E “O ALIENISTA”**

GUARABIRA – PB

2011

**A SÁTIRA DA LOUCURA EM POE E MACHADO:
“THE SYSTEM OF DR. TARR AND PROFESSOR
FETHER” E “O ALIENISTA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência do grau de licenciado em Letras. Orientadora:

Prof^a. Dra. Sueli Meira Liebig

GUARABIRA – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L732s

Lima, Odair José da Silva

A sátira da loucura em Poe e Machado: "The system of Dr. Tarr and Professor Fether" e "O alienista" / Odair José da Silva Lima. – Guarabira: UEPB, 2011.
22f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

"Orientação Prof. Dr. Sueli Meira Liebig".

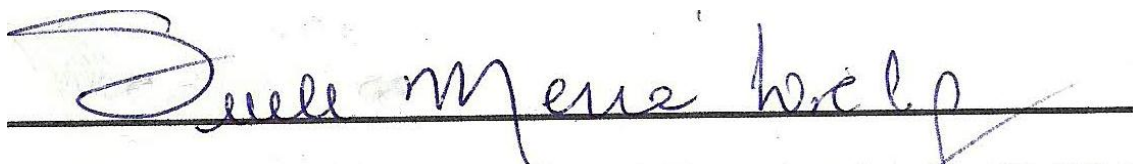
1. Psicanálise 2. Literatura 3. Loucura I. Título

22.ed. 150.195

**A SÁTIRA DA LOUCURA EM POE E MACHADO:
“THE SYSTEM OF DR. TARR AND PROFESSOR
FETHER” E “O ALIENISTA”**

O Artigo foi aprovado em 06 de dezembro de 2011, no qual obteve nota **10,0 (DEZ)**.

BANCA EXAMINADORA:



Prof^a. Dr^a. Sueli Meira Liebig (Orientadora – DL/CH/UEPB)



Prof^a. Ms. Monaliza Rios Silva (1^a Examinadora – DL/CH/UEPB)



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (2^o Examinador – DL/CH/UEPB)

GUARABIRA – PB

2011

*“De médico e de louco,
cada um tem um pouco”*

(Provérbio Português)

A SÁTIRA DA LOUCURA EM POE E MACHADO: “THE SYSTEM OF DR. TARR AND PROFESSOR FETHER” E “O ALIENISTA”

Odair José da Silva Lima

Resumo:

A literatura em si é uma fonte de conhecimento, onde a ficção denuncia o comportamento e a opinião de uma sociedade em um determinado contexto através de seus personagens, situações e/ou ideias que se relacionam, fazendo com que uma obra se torne objeto de estudo de inúmeras áreas de pesquisa. O presente trabalho enfoca a questão do estudo da literatura através de sua relação com a psicanálise e de como a primeira pode servir como aprofundamento teórico para a segunda. Utilizamos o tema da loucura, trabalhado nos contos “O Alienista”, de Machado de Assis, e “The System of Dr. Tarr and Professor Fether”, de Edgar Allan Poe, para evidenciar suas técnicas de escrita, onde os dois autores utilizam-se da sátira para criticar fatos ocorrentes de sua época como o cientificismo, os métodos de tratamento da loucura, além de outras questões. Pretendemos utilizar os conceitos sobre sanidade mental que foram formulados por pensadores como Foucault, Freud e Lacan através de autores como Leite (2008) e Petry (2011) enfatizando a sua relação com a literatura em Beckel (2004). Por fim, comparamos as duas obras literárias mostrando em que ponto elas se aproximam e se afastam e onde exatamente os escritores expõem suas críticas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Psicanálise. Loucura. Sátira.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar como é abordado o tema loucura nos contos “The System of Dr. Tarr and Professor Fether” (1845) e “O Alienista” (1882), o primeiro do escritor americano Edgar Allan Poe, e o segundo do brasileiro Machado de Assis. Para tanto se pretende utilizar das evidências presentes em ambas as obras, de tal forma que comprovem as aproximações e as divergências entre os textos. Como elo entre as duas obras, este estudo comparatista visa a uma discussão a respeito da relação entre literatura e psicanálise e a uma identificação sobre o modo de apropriação deste tema pela sátira.

Podemos não só conceituar a literatura como uma arte, mas também como uma ferramenta denunciadora, portadora de um registro de sua época, expressado nas mais diferentes formas, podendo desempenhar diferentes papéis em determinados contextos sociais e culturais. Sendo assim, a literatura é, em todas as suas faces, o espelho de um determinado tempo. Os autores expressam em seus trabalhos não só seus sentimentos - sejam estes diretos ou indiretos, mas também outras influências: a realidade em que vivem, escritores que compartilham dos mesmos ideais ou até de movimentos sociais e culturais. Enfim, enquanto instância interdisciplinar, a literatura tem muito a dizer sobre todos os aspectos da vida humana.

Acreditamos que a obra final de um autor não carrega todos os detalhes de sua criação, não possui todos os passos dados até a concretização do produto final. Pensamos no seu desenvolvimento como uma fonte de informações a serem analisadas. Isso remete à ideia de que o homem é influenciado pelo seu meio. A relação entre as pessoas, os sonhos, os sentimentos e as lembranças se misturam e fazem com que esse autor crie e recrie um mundo na literatura com base no que aprende com o próprio mundo real.

Levando isso em consideração, veremos como Machado de Assis soube utilizar-se de uma peculiar técnica de escrita para trabalhar temas relacionados ao comportamento humano e às questões sociais da sua época, satirizando, a

exemplo de Poe, os métodos de tratamento da demência e o poder utilizado pelo governo através do controle social sobre os indivíduos.

2. À GUIA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Entendemos que a pesquisa direcionada às fontes de trabalhos literários é de fundamental relevância, pois é a partir dela que encontraremos a matéria-prima que nos ajudará a conceituá-la, analisá-la, justificá-la e/ou moldá-la. Essas fontes podem ser o contexto social de um escritor, sua vida pessoal, suas leituras acerca de outros trabalhos artísticos e, inclusive, elementos da natureza humana que o cercam. De uma forma geral, todas as ideias que podem ter influenciado esse escritor na formulação de seus trabalhos. Esse pensamento é evidente em Zilberman et al.:

Fontes podem ser todo e qualquer material utilizado pelo artista antes de produzir sua obra: lembranças infantis, sonhos, histórias particulares ou coletivas, a tradição local ou nacional, escritos próprios ou alheios. Genericamente, *fontes* corresponde a um significante que pode acolher tudo que precede a obra, pertencendo à sua fase de gestação e produção. (ZILBERMAN et al., 2004, p. 18, grifo do autor)

Ora, se devemos “começar pelo começo”, esse pensamento remonta à ideia de conhecer o percurso de cada autor, percorrer o seu histórico e analisar como a sua linha de pensamento foi moldada e/ou alterada conforme os períodos de sua vida, sua relação com a sociedade, enfim, suas experiências.

Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839-1908) nasceu no morro do Livramento, sendo seu pai, carioca, um pintor de paredes e sua mãe portuguesa da Ilha de São Miguel. Depois da morte da mãe, quando ainda era menino, seu pai casa-se com Maria Inês, que se encarrega de sua criação, ainda depois da morte de seu pai em 1851. Pertencente a uma família pobre, Machado nunca chega a cursar uma faculdade. Sendo ele sempre autodidata, toma interesse pelo estudo de vários tipos de leitura. Ele começa como aprendiz-tipógrafo na Imprensa Nacional, publicando mais tarde os primeiros

versos no jornal *A Marmota*. Mais à frente trabalha como revisor na Livraria de Paula Brito e no *Correio Mercantil* e logo mais como redator no *Diário do Rio de Janeiro*. Casa-se, aos trinta anos, com Carolina Augusta de Novais, uma moça pertencente a uma família de intelectuais. Em sua chamada primeira fase, ligada ao Romantismo, Machado publica os romances *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). Anos mais tarde seu estilo muda consideravelmente com o advento do Realismo na literatura brasileira, publicando obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899) e os contos *Papéis Avulsos* (1882), o que denuncia a sua ironia, crítica e pessimismo em relação à sociedade. Em 1897, Machado funda a Academia Brasileira de Letras. A sua mulher falece em 1904 e deixa uma marca de profunda tristeza no escritor. *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908) marcam o fim do seu ciclo realista. Em 1908, devido ao agravamento de uma doença, Machado de Assis morre aos sessenta e nove anos de idade.

Apesar de Machado de Assis ter vivenciado os períodos do Romantismo e do Realismo, as suas obras apresentam características que denunciam a despreocupação do autor em seguir à risca toda a estética literária na qual seus trabalhos se encaixam. Outro ponto interessante é o fato dele “falar” com o leitor, mantendo assim um sentimento de “aproximação” entre ambos.

Machado viveu em uma época onde avanços científicos, mudanças na política e nos costumes, além de progressos em algumas áreas estarem emergindo de forma rápida, fatos estes que proporcionaram ao escritor uma variedade de temas a serem explorados, temas esses que vão desde a escravidão até a incursão pela psique humana. São inegáveis as alusões encontradas em suas obras às de outros escritores célebres, como William Shakespeare, ficando mais evidente ainda quando o próprio autor cita-o textualmente em seus trabalhos. Não apenas isso, Machado utiliza em suas obras enredos compostos de ações que remontam às obras do poeta inglês. Basta lembrarmos o exemplo do romance *Dom Casmurro*, cujo enredo claramente se aproxima da tragédia *Othello*.

Edgar Allan Poe (Boston, 1809 – Baltimore, 1849) foi um escritor americano que desenvolveu obras que marcam o início da verdadeira literatura

norte-americana e é considerado um dos criadores do conto moderno. Filho de David Poe Jr. e Elizabeth Arnold Hopkins Poe, Edgar teve dois irmãos: Rosalie e Henry. Depois que sua mãe morre em 1811, Poe é adotado pelo casal John Allan e Frances Kelling e recebe uma boa educação, frequentando escolas na Inglaterra e em Richmond (EUA). Envolve-se com álcool e jogos, o que torna difícil a relação com seu pai adotivo. Poe publica em Boston seu primeiro livro de poesia, *Tamerlane and Other Poems* (1827). Logo mais ele tenta seguir carreira militar, mas é expulso da Academia Militar de West Point. A partir daí dedica-se mais à literatura e começa a publicar, em 1830, contos em revistas, mesmo ganhando muito pouco pelo seu trabalho. Em 1835, torna-se editor literário e casa-se com Virgínia Clemm, sua prima de apenas 13 anos de idade. Mais uma vez seus vícios lhe causam problemas e é demitido do trabalho. Mais tarde, Poe publica *Tales of Grotesque and Arabesque* (1840), mas é com a publicação de *The Raven* (1845) que o escritor ganha mais prestígio. Devido a problemas de saúde, sua esposa morre em 1847 causando em Poe um profundo pesar, o que o faz mergulhar ainda mais no alcoolismo. Em 1849, o escritor é encontrado nas ruas de Baltimore em estado lamentável e morre dias depois.

Poe também foi crítico e teórico. Preferiu utilizar-se do exótico e trabalhou a psique perturbada de seus personagens em contos com narrador em primeira pessoa, o que revela o seu fascínio pela mente humana, objeto do crescente estudo da ciência do século XIX. Percebemos em suas obras as confusões de identidade, pois os Estados Unidos passavam pelo processo de imigração, com línguas e costumes diferentes. Assim, os escritores romancistas desse período aproximaram-se mais de uma visão solitária do ser humano. De acordo com Vanspanckeren (1994), a partir dessa “falta de identidade” podemos analisar nas obras de Poe o uso da mistura de objetos de arte originados de diferentes lugares, o que relacionando com a arte resulta como tema para o grotesco¹.

Com relação ao escritor americano, Machado o traz para a literatura brasileira com a tradução do poema “The Raven”, demonstrando um excelente

¹ Edgar Allan Poe utilizou-se desse tema na sua coleção de contos *Tales of the Grotesque and Arabesque* (1840).

desempenho no âmbito da tradução. Além disso, os dois são considerados grandes mestres do conto por aprimorarem esse estilo de narrativa dando-lhe um novo conceito estilístico.

As pesquisas nos mostram que Machado adotou em seus contos características das obras de Poe, como, por exemplo, o suspense dentro do conto, fazendo com que isso prenda o leitor até o fim da narrativa. Prova disso é o conto *A Cartomante*², que além de gerar todo um clima de tensão, traz um final inesperado.

Podemos sem dúvida afirmar que Machado leu os contos de Poe e utilizou-se de alguns de seus temas em suas obras clássicas. O conto “O Alienista” possui alguns traços que remontam ao tema do estudo psicológico e que podem ser encontrados no conto “The System of Doctor Tarr and Professor Fether” (o sistema do Dr. Alcatrão e do professor Pena) de Poe. De forma geral, há uma relação entre ambos os contos sobre os temas do estudo da mente humana, as concepções de loucura e lucidez, os métodos da ciência sobre o tratamento de pessoas com desvios de comportamento. Tudo isso inserido em uma narrativa onde nota-se a predominância da sátira, que traz um forte apelo crítico. Utilizando-se de um humor irônico, o escritor tem como alvo de sua crítica a política da sua época.

3. LITERATURA E PSICANÁLISE

Um ponto importante para a nossa discussão é a relação entre a literatura e a psicanálise. Procuramos mostrar as proximidades entre essas duas áreas aparentemente tão diferentes, o estudo do sujeito evidenciado na literatura e mostrar também como alguns teóricos tomam as obras literárias para elaborarem suas ideias. Primeiramente observemos algumas das diferentes visões sobre o tema da “loucura” em certos contextos, passando depois a unir as relações entre ambas as áreas de estudo.

² O conto de Machado de Assis foi publicado pela primeira vez em 1884 no periódico *Gazeta de Notícias* no Rio de Janeiro.

O conceito de “normalidade” fica cada vez mais complexo conforme os especialistas se adentram no estudo da mente e do comportamento humano, tanto na área da psicanálise como na área da psiquiatria. Hoje em dia isso está muito evidente com o descobrimento de problemas que, há muitos anos atrás, não eram diagnosticados com tanta frequência ou que acabaram surgindo com o passar dos tempos, estes podendo estar relacionados com as mudanças na sociedade, afetando assim os indivíduos.

Podemos então afirmar que os conceitos do que é uma pessoa “normal” variam de acordo com a época, cultura e crenças. Petry nos dirige esse raciocínio da seguinte forma:

Aristóteles afirmava que uma pessoa normal é aquela que responde às situações com emoções apropriadas. Sigmund Freud, o criador da psicanálise, considerava o “ego normal” uma “ficção ideal”. De Aristóteles a Freud, as teorias apresentam um ponto comum: cada etapa da história humana tem suas próprias ideias sobre a normalidade mental. Em outras palavras, cada era define o que é e o que não é normal [...] (PETRY, 2011, p. 162).

Assim, qualquer desvio, tanto comportamental como mental que uma pessoa apresente pode ser interpretado de várias formas, dependendo também da cultura na qual está inserida, desde o caso de povos que relacionam esquizofrenia à possessão por seres demoníacos até a tranquilidade assumida por certas famílias em relação aos surtos psicóticos de um parente. Tomemos também como exemplo registros da década de 1950 de um hospital psiquiátrico da cidade de São Paulo, que consideravam louca a mulher que perdesse a virgindade antes do casamento tanto quanto as pessoas que considerassem a homossexualidade como uma doença mental.

É com o estudo das teorias abordadas na psicanálise que encontramos as referências necessárias para a abordagem do tema “loucura” por psicanalistas como Freud e Lacan, além do fascínio que fez com que escritores como Poe e Machado se utilizassem deste tema dentro da literatura.

Sigmund Freud (Příbor, 1856 – Londres, 1939), como fundador da psicanálise, define a questão de anormalidade como algo que não é exterior ao ser humano, ou seja, não é um produto que se adquira através do meio, mas

que já existe dentro de cada um, variando de acordo com o grau e tendo como surgimento e/ou desenvolvimento a infância. Além disso, algum tipo de traumatismo seria o responsável pelo desencadeamento dos distúrbios de comportamento e dos conflitos psíquicos.

Mais adiante, o psicanalista francês Jacques Lacan (Paris, 1901-1981), propondo um retorno à análise aos estudos de Freud, conclui que a loucura resulta da relação entre o ser humano e o seu semelhante, onde um influencia o comportamento do outro. Leite (2008) evidencia esse pensamento de Lacan através da seguinte colocação:

Assim, para Lacan (como para os gregos), a loucura e todo o conhecimento humano também teria sua origem no que é exterior ao sujeito, porém no caso da visão que Lacan tinha dela, à diferença dos gregos, este exterior não seria constituído pela vontade dos deuses, mas seria o que é exterior ao conhecimento que o sujeito tem de si mesmo, numa referência ao inconsciente. (LEITE, 2008, p. 4)

Podemos então perceber que adentrar o estudo da loucura é tomar parte de um mundo complexo e amplo, do qual há fatores sociais e culturais que se relacionam, fazendo com que a sua concepção tenha inúmeras e distintas visões. Além disso, muito se questiona a respeito das verdades que são atribuídas em determinados contextos em relação ao que é certo e ao que é errado. É importante lembrar que a loucura por muito tempo teve seu tratamento baseado na tortura e que nem sempre existiram manicômios para atender às pessoas com problemas mentais.

Não podemos negar que a literatura é, na maioria das vezes, um reflexo de um contexto sócio-cultural onde o autor explora o comportamento, os desejos e as relações do ser humano de tal forma que é comum o leitor se identificar com um personagem. Por vezes, o narrador entra na mente dos seus personagens de tal forma que acaba alterando o estado emocional de seu leitor e até também o seu comportamento e visão de mundo.

É cabível afirmar que a literatura é mais antiga que a psicanálise. Foi a partir da tragédia de Sófocles que Freud formulou a sua ideia sobre o “complexo de Édipo”. Além disso, muitos são os escritores que serviram de base para os seus estudos. O pai da psicanálise observou como a identificação

presente nessas obras poderia explicar as emoções da vida real. Essa relação entre literatura e psicanálise é exposta em Beckel:

Da literatura a psicanálise toma referências, exemplos, extrai características que traçam o perfil de um autor, e por meio dela enriquece a própria teoria. Igualmente, a psicanálise oferece aos literatos a oportunidade de utilizar novas metáforas, de aprofundar o processo de criação, de libertação do inconsciente. (BECKEL, 2004, p. 2)

De forma geral, a análise que se formula pela psicanálise sobre determinada obra serve para enriquecer mais ainda a interpretação do leitor. Ora, sabemos que de uma só obra literária podemos extrair inúmeras interpretações. Esse auxílio dado pela psicanálise à literatura serve para evitar um entendimento frustrante e errôneo do leitor, quando sabemos que há obras complexas e de uma simbologia incomparável.

Assim, estudar a mente dos personagens é uma técnica comum na literatura. Temos como exemplo o solilóquio utilizado na obra shakespeariana *Hamlet*, onde o personagem expõe a si mesmo seus sentimentos mais intensos, utilizando suas divagações como pano de fundo. Outro exemplo é o fluxo da consciência presente nas obras de Virgínia Woolf e James Joyce, onde observamos a transcrição em tempo real dos pensamentos de um personagem, suas impressões e lembranças ocorrendo em uma forma não-linear. Logo, encontramos vantagens nessa relação entre uma área e outra. A psicanálise trás benefícios para a literatura e vice-versa, numa relação de intercomplementaridade.

Além disso, o escritor pode utilizar-se de problemas estudados pela psicanálise, como a loucura, para ironizar a sociedade. Exemplo disso nos dão Machado e Poe, que expressam a crítica presente em “O Alienista” e “The System of Dr. Tarr and Professor Fether”, respectivamente, por meio de uma incursão nos estudos da psique humana. Desta maneira, resta-nos unir essas teorias às evidências textuais para mostrar em que aspectos essas obras se põem numa mesma órbita.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Em relação aos contos, “The System of Doctor Tarr and Professor Fether” foi publicado pela primeira vez em novembro 1845 nos Estados Unidos. O seu enredo é abordado em primeira pessoa, onde o personagem principal reconta os fatos vivenciados por ele em uma viagem ao interior da França e o momento em que visitara uma instituição para o tratamento de loucos. Lá ele é apresentado a Monsieur Maillard, o diretor do manicômio, que o convida a conhecer o ambiente. Nosso narrador fica interessado em conhecer a verdade sobre os boatos que correm em Paris sobre um “sistema de apaziguamento” onde os loucos andavam livremente pelo ambiente da instituição, não sofriam punições e suas ideias não eram contrariadas, fazendo até com que eles fossem confundidos com pessoas “normais”. O doutor afirma que esse sistema não é mais utilizado por causa do perigo que pode apresentar às pessoas, já que os loucos tem a liberdade de se rebelarem e trocarem de lugar com as pessoas de mente sã. Mais tarde, durante um jantar, após consecutivos desvios de comportamento de muitos membros da mesa e da sala, fica evidenciado que na realidade o diretor e seus colegas são os loucos e que haviam tomado o lugar dos funcionários do manicômio há um tempo. Por fim, no momento final do conto, os enfermeiros e médicos conseguem se libertar e retomar o controle da instituição.

Em “O Alienista”³ o enredo consiste de um narrador em terceira pessoa. A história começa quando o Dr. Simão Bacamarte retorna à sua cidade natal, Itaguaí, e lá funda um manicômio, a Casa Verde, onde se dedica ao estudo da loucura. Enquanto os dementes são levados até o hospício, Bacamarte cria novos conceitos sobre sanidade mental e muda sua teoria do que seria a loucura frente às atitudes de alguns internos. Nesse momento são presas pessoas que apresentam “desvios” considerados até então normais, como a vaidade, a cortesia, a mentira, dentre outros aspectos. Com isso, os moradores

³ É interessante ressaltar que muitos estudiosos consideram “O Alienista” um conto, enquanto outros já o classificam como uma novela. Essa confusão de conceitos se dá devido à extensão da obra, que apesar de ser um pouco longa para um conto, apresenta características desse gênero textual dentro da sua estrutura narrativa.

de Itaguaí ficam indignados e montam uma rebelião liderada pelo barbeiro Porfírio. Com a ajuda de alguns dragões⁴, que surpreendentemente, acabam se passando para o lado dos revoltosos, a câmara dos vereadores é tomada e um novo poder é instituído, mas os trabalhos do Dr. Bacamarte continuam. Isso gera o início de uma nova revolta. Várias intervenções e mudanças na política de Itaguaí são feitas, mas nada faz com que as pessoas que estão presas na Casa Verde sejam libertadas. Em meio a esses eventos, há mais uma vez uma mudança nos conceitos de Bacamarte. A partir daí ele libera todos os loucos e somente considera “anormais” as pessoas que apresentam virtudes, como lealdade, sinceridade, simplicidade, entre outras. Contudo, esses mesmos que são levados ao manicômio também possuem “desvios”, fazendo com que pouco a pouco a Casa Verde fique vazia. Por fim, o próprio médico se considera a única pessoa equilibrada que conhece. Se aloja no manicômio e estuda a si mesmo tentando encontrar a cura do seu “problema”. Lá ele morre depois de alguns meses.

Temos em “O Alienista” um enredo que se desenvolve em Itaguaí, no Rio de Janeiro, enquanto a trama em “The System of Dr. Tarr and Professor Fether” se passa em uma província no interior da França indeterminada pelo narrador. O Alienista é explorado de uma forma mais ampla, em especial as relações entre os moradores de toda a vila, inclusive com o mundo exterior, enquanto no conto de Poe vemos um ambiente fechado onde a história se passa em um manicômio isolado do resto do mundo, em que até a aparência de descuido do lugar causa inquietação nos seus visitantes.

O tema central das duas obras é a loucura e de como ela é considerada em determinados contextos sócio-culturais. O que inicialmente aproxima as duas obras é o humor inserido nas narrativas. Serviram-se os autores da sátira, através de um humor cínico, para denunciar a sociedade e o tratamento da loucura pela ciência, além de Machado ir mais adiante com relação às questões de poder.

Temos como personagens centrais, nas duas obras, o doutor Simão Bacamarte (“O Alienista”) e um estudante da ciência, não nomeado na

⁴ Na obra, esse termo se refere a um agrupamento de policiais que recebe a ordem de interferir na rebelião dos moradores de Itaguaí.

narrativa (“The System of Dr. Tarr and Professor Fether”). Dois homens que se sentem atraídos pelo estudo da mente humana de tal forma que em certo momento se alienam da realidade, não percebendo fatos tão evidentes ao seu redor. Podemos afirmar que Simão Bacamarte é a representação do cientificismo da época de Machado propriamente dita. Bacamarte nos é apresentado como “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (ASSIS, 2004, p. 93), demonstrando assim o alto nível de estudo do personagem. É interessante ressaltar que o médico rejeita a sua estadia em Portugal e o consequente prestígio que isso lhe traria para dedicar-se aos estudos da ciência na pequena vila de Itaguaí, no Brasil. Sendo uma representação da ciência, é irônica a forma como Bacamarte elege sua esposa, D. Evarista:

[...] não bonita nem simpática [...] D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista, estava assim apta a dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. (ASSIS, 2004, p. 94)

Isso evidencia no personagem de Machado a sua relação com a ciência. Já em Poe, o personagem não é muito detalhado, pois sendo ele o narrador da história, a ênfase maior é na sua contemplação e seu ponto de vista sobre o manicômio que ele visita. Seu desejo de aproximar-se dos métodos de tratamento científicos é tanto que ele enfrenta o medo e a inquietação perante aquele ambiente estranho e não leva muito a sério a questão de que está em meio a pessoas bem “diferentes”.

Apesar da presença de um leve humor, o suspense e a tensão também se apresentam em ambas as obras. Em Poe vemos logo no início o medo perante o estranho, o ambiente que causa receio ao protagonista. Assim ele descreve o hospício, que tem por nome *Maison de Santé*:

Through this dank and gloomy wood we rode some two miles, when the Maison de Sante came in view. It was a fantastic chateau, much dilapidated, and indeed scarcely tenable through age and neglect. Its aspect inspired me with absolute dread, and, checking my horse, I half resolved to turn back. I

soon, however, grew ashamed of my weakness, and proceeded.⁵ (POE, 1844, p. 3)

Em outro momento do conto de Poe, o leitor é tomado pelo temor do desconhecido quando são ouvidos gritos provenientes de algum local perto de onde o jantar está acontecendo. A tensão aumenta com a aproximação desses sons que deixam as pessoas da mesa tremendo de medo.

Na obra de Machado, a tensão é desenvolvida não por meio do medo do sobrenatural, mas sim pelas atitudes do doutor Simão Bacamarte, onde vemos pessoas assustadas com o fato de serem presas na Casa Verde de uma hora para outra, sendo diagnosticadas como loucas.

Encontramos também a inversão de papéis. Em “O Alienista”, vemos que os loucos são substituídos por pessoas até então consideradas normais pela sociedade, pois o médico Simão Bacamarte está sempre revendo seus conceitos sobre a loucura e toma como anormais determinadas características das pessoas, como as manias. Em “The System” percebemos a mesma ideia presente em Machado. O narrador do conto aos poucos descobre que, na verdade, os loucos haviam assumido o lugar dos funcionários do manicômio e que até certo momento se comportam como tais, fingindo e até mesmo se esforçando para parecerem “normais”.

Este pensamento remete ao fato das mudanças teóricas sobre demência, tão discutidas no decorrer dos tempos. As passagens das duas obras servem para evidenciar a problemática acerca das questões sobre o que seria normal e o que não seria.

Poe já leva a discussão mais adiante com a ironia presente no final do conto, fazendo uma relação com o próprio título da obra. A visita do personagem-narrador se dá pelo fato do seu interesse pelo estudo científico da mente humana, em especial os métodos de tratamento dos doentes. O personagem se sente instigado a conhecer os detalhes do *system of soothing*, ou “sistema de apaziguamento”, um método liberal onde os loucos são livres e

⁵ Por cerca de duas milhas, cavalgamos pelo bosque úmido e sombrio, quando então a *Maison de Santé* surgiu à vista. Era um fantástico *château*, muito danificado e na verdade pouco habitável, por sua aparência antiga e descuidada. Seu aspecto encheu-me de absoluto terror e, refreando meu cavalo, quase decidi retornar. Logo depois, entretanto, envergonhei-me de minha fraqueza e fui em frente. (Tradução livre)

perambulam por onde querem. Esse método resulta, por fim, em uma desordem, pois os loucos se revoltam e prendem os funcionários utilizando nessas pessoas o método do Doutor Alcatrão e do Professor Pena

. No conto, o personagem Maillard apresenta ao narrador-personagem o Doutor Alcatrão e o Professor Pena como pessoas que idealizaram esse novo método. O título da obra faz uma alusão à expressão *tarring and feathering*, uma punição física muito comum na época, onde se derramavam alcatrão quente sobre as pessoas para logo em seguida cobrirem-nas de penas.

Assim, Poe critica os métodos de punição como tratamento da loucura que eram comuns à sua época, como a terapia de choque e o confinamento, que não são citados na obra. O escritor ironiza no final com a frase do narrador que afirma não ter encontrado nenhum trabalho correspondente ao método desses dois homens:

I have only to add that, although I have searched every library in Europe for the works of Doctor Tarr and Professor Fether, I have, up to the present day, utterly failed in my endeavors at procuring an edition.⁶ (POE, 1844, p. 18)

Em “O Alienista”, conforme os conceitos de Simão Bacamarte mudam, percebemos uma crítica à moral que, tem por função punir a natureza humana por suas manias e hábitos, discriminando assim os indivíduos e excluindo-os da classe padrão. Desvios esses que, segundo o médico, serviriam para seu estudo sobre a sanidade:

Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo, ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. (ASSIS, 2004, 123)

⁶ Tenho apenas a acrescentar que, ainda que tenha procurado os trabalhos do Doutor Alcatrão e do Professor Pena por toda a Europa, não tive, até o presente dia, sucesso algum em meu empenho de obter ao menos um exemplar. (Tradução livre)

Devido à sua teoria, que causava estranhamento na população, o médico já era tido pelas pessoas como um louco, como nas palavras do personagem Sebastião Freitas, um vereador da vila: “Nada tenho que ver com a ciência; mas se tantos homens com quem supomos juízo, são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” (ASSIS, 2004, p. 113).

Logo mais adiante, Bacamarte muda mais uma vez o conceito de sanidade, prendendo agora as pessoas “politicamente corretas”, considerando agora que o louco seria aquele que apresentasse virtudes. E as falhas agora eram características de uma pessoa normal. Por fim, ele descobre que não existe ninguém que possua apenas virtudes, além dele mesmo, e se considera louco, se recolhendo à Casa Verde e tomando a si mesmo como objeto de estudo. Há uma pequena relação disso com a obra de Poe, quando o doutor Maillard passa de médico para paciente.

Em *O Alienista* a crítica se dirige ao controle social estabelecido pela Casa Verde sobre a população. O doutor Bacamarte, com o apoio da câmara de vereadores, submete a população ao seu arbítrio.

Uma divergência entre Machado e Poe é a representação da Igreja pelo Padre Lopes no conto “O Alienista”, personagem inexistente em “The System”.

Levamos em consideração que a sátira à loucura utilizada por Poe está mais relacionada com os métodos em si, enquanto Machado utiliza-se da loucura como tema para satirizar a sociedade de uma forma geral, inserindo assim personagens que representem a sociedade em suas divisões: ciência, igreja, governo etc.

Machado trabalha não só as diferentes concepções de loucura, mas denuncia a forma como a sociedade impõe suas regras dentro de um determinado contexto e de como o poder pode interferir nos ideais do ser humano. Exemplo disso é o personagem Porfírio, que depois de liderar uma rebelião contra as atitudes do doutor Bacamarte e conseguir alcançar seus objetivos, se vê no topo do poder da vila de Itaguaí, o que era sua pretensão maior. Depois disso, seus ideais mudam refletindo assim a sua ganância.

5. CONCLUSÃO

Através dessa análise comparativa percebemos o quão importante é uma leitura e releitura de um trabalho literário, buscando sempre identificar o que o autor quer transmitir com sua obra, o porquê da escolha de um determinado tema e de como os seus contextos sociais, culturais e econômicos devem ser sempre levados em consideração para entendermos os bastidores por trás do “espetáculo”.

Dessa maneira, mesmo que os autores vivam em épocas e contextos iguais, cada um possui uma abordagem diferenciada no que se refere ao seu estilo de escrita. Evidenciamos esse pensamento ao compararmos as obras dos escritores Machado de Assis e Edgar Allan Poe, onde a loucura serviu como base de uma crítica à sociedade.

Enxergamos a literatura agora não apenas como uma forma de entretenimento, mas como um universo cheio de oportunidades. Cada obra, cada frase contida no livro trás um novo mundo de experiências e de leituras.

Com relação ao estudo da psicanálise, concluímos que os trabalhos de análise relacionados ao ser humano sempre deverão ser repensados, levando em consideração toda a sua complexidade, fato esse que comprovamos com as diferentes teorias apresentadas sobre a loucura de estudiosos como Freud e Lacan, além de outras visões no decorrer da história.

O homem, como um ser pensador, sempre se questionará à respeito de tudo que ocorre na sociedade, buscando assim encontrar as respostas que tanto necessita. A loucura sempre será um objeto de pesquisa. Levamos em consideração que vivemos em uma época onde as crises de identidade e questões sentimentais nunca estiveram tão presentes, fazendo parte de um mundo “globalizado” e ao mesmo tempo tão individual. Nas palavras de Petry, “Pode ser perturbador um futuro em que seremos todos menos “normais”, mas é um alívio saber que a idéia de normalidade sempre foi e deve continuar sendo elusiva” (PETRY, 2011, pp. 164-165).

Por fim, compreendemos a importância de um aprofundamento nas teorias tanto da psicanálise como da literatura, que acabam por se completar e

representam tudo aquilo que o ser humano é, foi, será e/ou gostaria de ser. E faz com que tudo isso vá de encontro com a repressão, a discriminação e a imposição que a sociedade coloca do que seria uma classe moralmente correta.

6. REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. “O Alienista”. In _____. *Melhores Contos*. Seleção de Domício Proença Filho. São Paulo: Global, 2004.

BASTOS, Semíramis Deusdedith Teixeira. “Estratégias composicionais de um autor brasileiro: um estudo sobre a ironia, a paródia e a sátira em contos de Machado de Assis”. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7640>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

BECKEL, Gilcia Gil. “Literatura e Psicanálise: Qual a relação?” Disponível em: <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/index-conversando.html>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias*. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

COUTINHO, Afrânio (dir.); COUTINHO; Eduardo de Faria (co-dir.). *A Literatura no Brasil*. v.4-Era Realista/Era de Transição. 6 ed. São Paulo: Global, 2002.

DAGHLIAN, Carlos. “A Recepção de Poe na Literatura Brasileira”. Disponível em: <<http://journal.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/6370/5927>> Acesso em: 03 set. 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006

LEITE, Márcio Peter de Souza. "Psicanálise & Loucura". Disponível em: <<http://www.marciopeter.com.br/links2/artigos/livros/psiLoucura.html>> Acesso em: 05 set. 2011.

LUCCHETTI, Rubens Francisco. "Edgar Allan Poe". In: *Conhecimento Prático: Literatura*. São Paulo: Escala Educacional, n. 23, pp. 40-50, 2009

PETRY, André. "Você é Normal?" In: *Veja*. n. 47, pp. 160-165. São Paulo: Abril, 2011.

PIÉRON, Henri. *Dicionário de Psicologia*. 9 ed. São Paulo: Globo, 1995.

POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias de Allan Poe*. Trad. Clarice Lispector. São Paulo: Ediouro, 2005.

POE, Edgar Allan. "The System of Dr. Tarr and Professor Fether" [1844]. In: *www.feedbooks.com*

REIS, Maria Figueiredo dos. *O Fantástico na Narrativa de Machado de Assis*. Teresina: EDUFPI, 2000.

SOUZA, Gustavo Ramos de. "O Estranho e o Familiar em 'O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Pena', de Edgar Allan Poe, e de 'O Alienista', de Machado de Assis". Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/autores.html>> Acesso em: 10 set. 2011.

VANSPANCKEREN, Kathryn. *Perfil da Literatura Americana*. Trad. Márcia Biato. Publicado pela agência divulgação dos Estados Unidos da América, 1994.

ZILBERMAN, Regina *et al.* *As Pedras e o Arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.